

LAZER EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NAS ATIVIDADES DE LAZER DE UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE DE MACAPÁ (AP)

Recebido em: 10/07/2020

Aprovado em: 12/08/2020

Licença: 

Gustavo Maneschy Montenegro

Bruno da Silva Queiroz

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Macapá – AP – Brasil

Mairna Costa Dias

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Belém – PA – Brasil

RESUMO: Este artigo identifica os impactos nas formas de lazer vividas por universitários na cidade de Macapá (AP), diante do período de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Combinamos o uso da pesquisa bibliográfica com a aplicação de questionário virtual (Plataforma Google Forms). O questionário continha cinco questões de múltipla escolha. Obtivemos o retorno de 456 instrumentais. Os resultados indicam que o distanciamento social trouxe impactos para o lazer dos sujeitos, pois resultou no aumento da “residencialização” e da “virtualização” do lazer. Se, antes, observamos tendência para prática de lazeres vivenciados na natureza e com forte caráter de sociabilidade, o distanciamento social resultou em aumento de lazeres vividos no ambiente doméstico, bem como em práticas ligadas ao uso da internet, como jogos on-line; assistir a lives e filmes; acesso a redes sociais; uso de celulares e computadores.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. COVID-19. Universitários. Virtualização.

LEISURE IN TIMES OF SOCIAL DISTANCE: IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON LEISURE ACTIVITIES OF UNIVERSITY STUDENTS IN THE CITY OF MACAPÁ (AP)

ABSTRACT: This article identifies the impacts on the forms of leisure experienced by university students in the city of Macapá (AP), in the face of the period of social distance imposed by the COVID-19 pandemic. We combined the use of bibliographic research with the application of a virtual questionnaire (Google forms platform). The questionnaire contained 5 multiple choice questions. We obtained the return of 456 instruments. The results indicate that the social distance has had an impact on the subjects' leisure, as it resulted in an increase in “residentialization” and “virtualization” of leisure. If, before, we observed a tendency to practice leisure activities experienced in nature and with a strong sociability character, social distance resulted in an increase in leisure activities experienced in the domestic environment, as well as in practices related to the use of the

internet, such as online games; watching lives and movies; use of cell phones and computers.

KEYWORDS: Leisure Activities. COVID-19. College Students. Virtualization.

Introdução

Este artigo procura discutir as mudanças nas formas de lazer vividas por universitários na cidade de Macapá, capital do estado do Amapá, diante do período de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Para iniciar a discussão, vale ressaltar que o estado do Amapá é um espaço geograficamente “ilhado”, com área de 143.453 km², fronteira a Norte e Noroeste com a Guiana Francesa e o Suriname, a Leste e Nordeste com o Oceano Atlântico, ao Sul e Sudeste com o Canal do Norte e Braço esquerdo do Rio Amapá, a Oeste e Sudeste com o Rio Jari e a Sul e Oeste com o estado do Pará (IBGE, 2019).

Sua população abriga uma diversidade de povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, imigrantes de várias regiões brasileiras e estrangeiros. Há grande diversidade de flora e fauna – existem quatro Unidades de Conservação: o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque (Parna), a Floresta Nacional do Amapá (Flona), a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Iratapuru e a Estação Ecológica Maracá-Jipioca. Criado em 2002, o Corredor de Biodiversidade do Amapá compreende mais de 10 milhões de hectares, conectando 12 unidades de conservação, que, somadas a outras quatro terras indígenas (Juminá, Galibi, Uaçá e Waiãpi), cobrem 70% da superfície do estado (IMAP, 2020).

Macapá é a capital e maior cidade do estado. É a única capital brasileira que não possui interligação por rodovia com outras capitais. Além disso, é a única cortada pela linha do Equador e se localiza às margens do Rio Amazonas. Macapá pertence à

mesorregião do Sul do Amapá e à microrregião homônima. É localizada no extremo norte do país, a 1.791 quilômetros de Brasília (DF) (IBGE, 2019).

A capital amapaense possui diversos espaços para a prática do lazer: uma orla localizada às margens do Rio Amazonas, praças, museus, parques, arenas para a prática esportiva e do lazer. Sendo assim, o lazer, como forma de fruição e sociabilidade, pode ser vivido e manifestado em diversos locais da cidade. Diante disso, entendemos que o lazer não pode ser reduzido a um único conteúdo ou forma de expressão, mas trata-se de um campo da vida social que, embora seja marcado por contradições, cooperação e conflito (SANTOS, 2010), pode favorecer a ampliação das experiências culturais vividas pelas pessoas, provocando diversão, criatividade e formação (MONTENEGRO, 2019).

No lazer, podem ser vividas diferentes manifestações culturais, como o cinema, fotografia, brincadeira, esportes, festas, virtualidade, o que demonstra o caráter essencial de diversificarmos as práticas de lazer, ampliando o acervo de possibilidades. Como indica Marcellino (2007), o lazer estabelece uma relação com a sociedade, por meio de intervenção no plano cultural, que pode reproduzir diversos tipos de desigualdades e exclusões, como também gerar questionamentos de vários problemas sociais, como as desigualdades de classe, de gênero e étnico-raciais.

Nesse contexto, entendemos o lazer como uma necessidade humana, uma dimensão da vida social e da cultura, a qual abarca uma multiplicidade de vivências culturais, nas quais a atitude lúdica é predominante, como brincadeiras, esportes, passeios, virtualidades, artes, turismo (GOMES, 2014). Além disso, consideramos que o lazer não é um tempo isolado, ou mesmo ausente de tensões e contradições, mas que se relaciona com outras dimensões da vida social, como educação, trabalho, política. Portanto, as práticas de lazer nos ensinam algo, seja no âmbito da crítica ou da conformação, atuando, assim, na educação e na formação de sujeitos.

Entendemos que não existe um local específico para as práticas de lazer, as quais podem ser realizadas em espaços públicos e privados, como ruas, parques, centros culturais, bairros, igrejas, escolas, redes virtuais e a própria residência. Também não há um tempo específico para o lazer. Como indica Hall (2014), vivemos uma época de supressão da relação espaço/tempo, de acentuados deslocamentos sociais, de circulação rápida de pessoas e culturas, produzindo identidades culturais “desterritorializadas”, as quais não são produzidas em função de um centro único e estável.

As “fronteiras” claras e seguras, que durante muito tempo estruturaram as nossas vidas, estão sendo redimensionadas para um mundo em que nem sempre é possível caracterizar o que é próprio, ou não, de um determinado tempo ou contexto sociocultural. Assim, a contemporaneidade ultrapassa a oposição entre tempos sociais, como o tempo de lazer e tempo de trabalho, mostrando-nos que o lazer possui multiconfigurações e se realiza de distintas formas (GOMES e FALCÃO, 2019).

Diante desse cenário, a pandemia de COVID-19 veio impactar a vida social como um todo, seja no âmbito educacional, na saúde, na economia e também no lazer. A pandemia impôs um modelo de distanciamento social, que resultou em menor circulação de pessoas nas cidades, no desenvolvimento em larga escala do trabalho remoto, em uma diminuição do convívio com outras pessoas e da própria sociabilidade. Assim, locais tradicionais de vivências do lazer, como praças, cinemas, bares, teatros, parques, programações ao ar livre foram proibidos, resultando em uma vida mais doméstica.

A COVID-19 é uma doença respiratória contagiosa causada pelo coronavírus SARS-COV-2. Este novo agente surge ao mundo no ano de 2019, com seus primeiros casos registrados na Ásia. Conforme Oliveira e Morais (2020), em dezembro de 2019, houve o primeiro caso da síndrome respiratória aguda grave em Wuhan, China. O vírus alastrou-se rapidamente para outras partes do continente asiático e do mundo,

caracterizando uma pandemia, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Isso obrigou que governos federais, estaduais e municipais decretassem situações de quarentena e distanciamento social, restringindo a mobilidade das pessoas pelas cidades, com o intuito de diminuir o contágio.

O distanciamento social, advindo da pandemia de COVID-19, implica a diminuição da mobilidade urbana e da sociabilidade, resultando no aumento da virtualização das relações sociais e no alargamento do uso de tecnologias para cumprimento de diversas tarefas, dentre elas, o estudo, as ações laborais e os lazeres. Portanto, perguntamos: é possível falar em lazer durante o período de distanciamento social? O distanciamento social trouxe impactos para o lazer? Como as pessoas mobilizam as atividades de lazer durante o distanciamento social?

Sendo assim, o objetivo deste artigo é identificar impactos nas formas de lazer vividas por universitários na cidade de Macapá (AP), diante do período de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. A escolha por investigar esses sujeitos ocorreu em função da nossa proximidade com o ambiente da universidade, seja no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. Essa pesquisa foi realizada por meio de um questionário virtual, utilizando-se a plataforma *Google Forms*. Ao todo, participaram 456 graduandos da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

A estrutura precursora da Universidade Federal do Amapá foi iniciada com a montagem, em 1970, do "Núcleo de Educação em Macapá" (NEM), ligado à Universidade Federal do Pará. Com a elevação do Território Federal do Amapá a uma unidade federativa plena em 1988, por meio da Constituição Brasileira, criou-se, em 1990, a atual Fundação Universidade Federal do Amapá, reaproveitando as estruturas já criadas para o funcionamento do antigo NEM. Atualmente, a UNIFAP possui 29 cursos de graduação. A sede situa-se na cidade de Macapá (Campus Marco Zero do Equador) e

possui campi nas cidades de Santana, Laranjal do Jari, Oiapoque e Mazagão. Ressaltamos que nesta pesquisa participaram alunos que estudam no Campus Marco Zero do Equador, na cidade de Macapá.

Metodologia

Para realizar o estudo, combinamos o uso da pesquisa bibliográfica com a aplicação de questionários virtuais. A primeira etapa consistiu no levantamento de produções acadêmicas (artigos, dissertações, teses e capítulos de livros) sobre lazer e cultura; lazer e virtualidade; lazer e meio ambiente; lazer e sociedade; impactos da pandemia de COVID-19 na sociedade, discussões que avaliamos como pertinentes para analisar o objeto e os dados obtidos na pesquisa.

O segundo passo da pesquisa foi a aplicação de questionário junto aos graduandos da UNIFAP. Severino (2007) afirma que o questionário é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas, por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião destes sobre o(s) assunto(s) em estudo.

Optamos pelo questionário virtual, desenvolvido na Plataforma *Google Forms*, artefato para criação de formulários *on-line*, em que o usuário produz pesquisas de múltipla escolha; elabora questões discursivas; solicita avaliações em escala numérica, entre outras opções. Além disso, acreditamos em seu potencial de dispersão, praticidade e alcance no recebimento de respostas, o que justifica a análise de 456 questionários.

O questionário continha cinco perguntas, sendo quatro delas fechadas. Nessas questões, era possível o “assinalamento” de mais de uma alternativa de resposta, o que justifica o percentual maior que 100% obtido em algumas questões. Após a definição das perguntas e confecção do instrumental, criamos *link* de acesso para melhor distribuição

nos grupos de mensagens em aplicativos dos quais nossos sujeitos participam. O questionário era composto por texto introdutório e explicativo sobre o intuito da pesquisa, assegurando-se o anonimato e que os dados ali conseguidos seriam direcionados, exclusivamente, para fins acadêmicos.

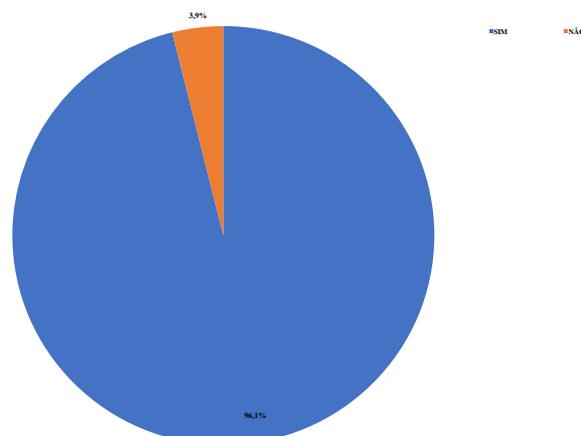
A interpretação dos dados ocorreu por meio da Análise de Conteúdo. Essa técnica auxilia a interpretar/analisar informações constantes de um documento, compreende o processo de constituição de diferentes linguagens, seja escrita, oral, imagética ou gestual (FRANCO, 2008).

Organizamos as respostas em categorias e, em seguida, realizamos o cruzamento entre o referencial teórico e os dados obtidos. As análises desenvolvidas nesta pesquisa estão sustentadas e evidenciadas a partir de categorias abstraídas e de nossa leitura mais livre, sendo que também procuramos empreender um modo próprio de discussão dos resultados alcançados.

Resultados e Discussões

O questionário foi inaugurado com a seguinte questão: “É possível ter lazer durante o distanciamento social?”, oportunizando assinalar as alternativas “SIM” ou “NÃO”. Tivemos o quantitativo de 96,1% de respostas positivas, como representado no Gráfico 1.

Gráfico 1: É possível ter lazer durante o distanciamento social?



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Esse percentual nos sugere que, embora a crise sanitária tenha restringido o livre trânsito e acesso das pessoas a espaços coletivos, o que pode provocar aumento no uso do ambiente domiciliar para o lazer considerou que os lazeres vividos pelos nossos sujeitos não estão restritos a bares, shows, teatros, shoppings, praças, cinemas. Concordamos com Rodrigues (2012), quando argumenta que a contemporaneidade impôs uma vida mais doméstica, virtualizada, ampliando o papel das residências como palco para as atividades de lazer.

Inferimos que o elevado percentual (96,1%) na opção “SIM” foi potencializado pelo distanciamento social, conquanto o uso da residência para vivências de lazer já se constituía como prática comum, mesmo antes da pandemia de COVID-19, seja por questões financeiras, pela escassez de opções na cidade e/ou pelos vínculos familiares. Assim, análises sobre o papel do espaço domiciliar no lazer já foi analisado por Zingone (2008), Melo e Peres (2005), Bahia (2014) e Marcellino (2008).

Zingoni (2008) ressalta o aumento da vivência do lazer em casa, com predomínio para atividades associadas ao uso dos meios de comunicação (TV, rádio, revistas, *internet*, filmes, música etc.). Além disso, a autora acredita que as práticas de lazer em casa possibilitam um estreitamento das relações sociais (especialmente com amigos) e de práticas de *hobbys*, envolvendo atividades como jardinagem, concertos, cuidados com a casa e/ou animais, por exemplo.

Por outro lado, Melo e Peres (2005) e Bahia (2014) afirmam que, na sociedade atual, tende-se a uma privatização das vivências cotidianas, limitadas ao seu ambiente

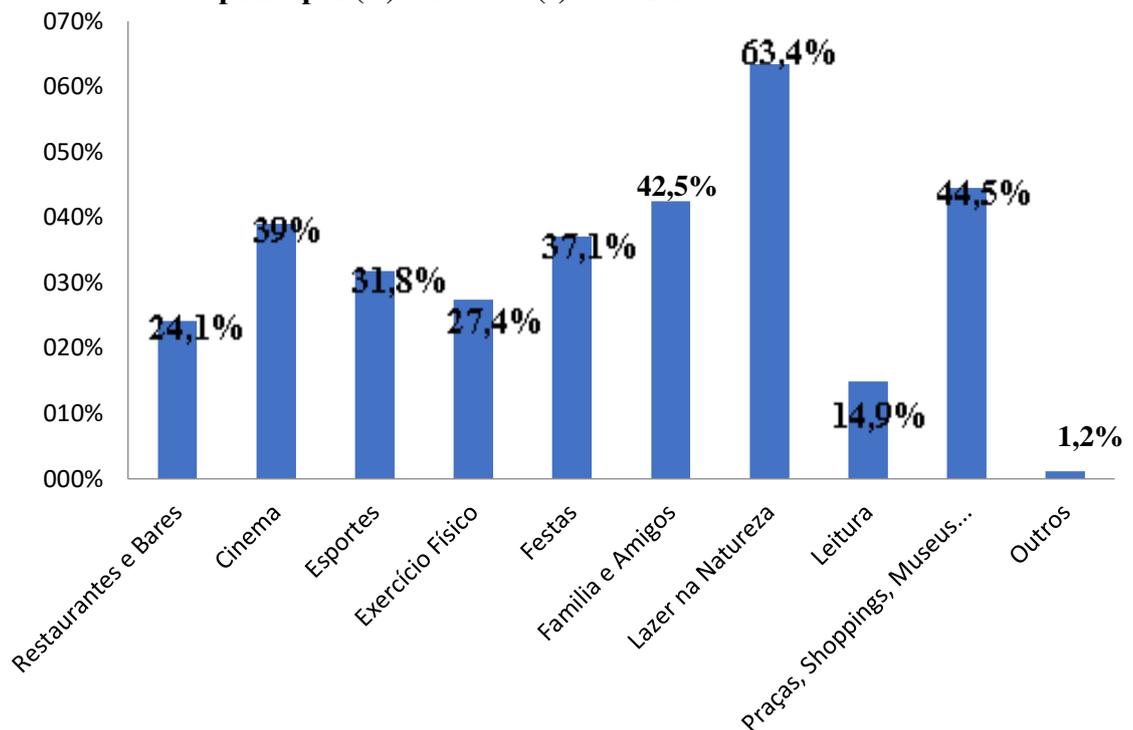
doméstico, utilizando os equipamentos tecnológicos (televisão, DVD, *internet*) como mediadores de seu contato com a realidade, o que significa reduzir sensivelmente as expressões humanas e afetivas, o contato com seus pares e a urbe.

Por sua vez, Marcellino (2008) acredita que, na sociedade contemporânea, estamos diante de um “enclausuramento” das pessoas, que, por diversos motivos - falta de opções públicas (e gratuitas) de lazer; falta de recursos financeiros; sobrecarga de trabalho –, tendem a vivenciar seu lazer em ambiente doméstico.

O ambiente doméstico envolve tensões, socialização, responsabilidades na formação da identidade dos sujeitos, interferindo na maneira como os indivíduos se apresentam perante a sociedade. Nesse contexto, estão presentes diversas tarefas, deveres, obrigações, lazeres, os quais são desenhados conforme a organização econômica, social, cultural e política das famílias. Desse modo, acreditamos que a pandemia de COVID-19 tenha implicado o aumento do uso do espaço doméstico como local para atividades de lazer dos sujeitos investigados.

Na segunda questão, buscamos conhecer quais as práticas de lazer mais vivenciadas pelos universitários antes do distanciamento social. Para tanto, perguntamos: “Antes do distanciamento social, qual (is) era (m) a(s) sua(s) principal (is) atividade(s) de lazer?” Salientamos que a questão trazia 10 alternativas para livre escolha (gráfico 2). Com percentual de 63,4% dos entrevistados, “Lazer na natureza” foi considerada a atividade mais recorrente, em seguida, está práticas com elevados níveis de sociabilidade, como passeios em praças, shoppings, museus... (44,5%), cinema (39%) e festas (37,1%).

Gráfico 2: Antes do distanciamento social, qual (is) era (m) a(s) sua(s) principal (is) atividade(s) de lazer?”



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Reconhecemos que essas atividades podem ser realizadas de forma individual ou coletiva. Assim, elencamos categorias a partir da relevância que cada atividade pode significar aos praticantes: por exemplo, na categoria lazer na natureza, se sobressai as vivências cujo interesse fosse práticas de lazer em igarapés, rios, praias, ambientes naturais; na opção passeio em praças, shoppings, museus ..., destacavam-se o interesse das pessoas em passear, distrair, sociabilizar, explorar diferentes ambientes; na categoria família e amigos, tratava-se de vivências em que o interesse mobiliza dor era existencializar práticas de fruição no contato direto com familiares e amigos.

Consideramos que o percentual alcançado na categoria “Lazer e natureza” é oriundo dos atributos naturais da cidade e circunvizinhança, a exemplo de praias, balneários, parques florestais, os quais estimulam a vivência com/no meio ambiente. Como indica Dias (2015), o modo como enxergamos e nos relacionamos com/no ambiente é construído histórica e culturalmente. Em um mesmo momento histórico,

circulam, pela cultura, diferentes narrativas que acionam diversas formas de ver e de se relacionar com a natureza, com o lugar.

Dessa maneira, meio ambiente é entendido como o modo pelo qual os organismos vivos (incluindo o ser humano) interagem em conjunto de condições naturais, sociais e culturais, por meio de influência mútua estabelecida entre eles, o que envolve um campo de relações entre a natureza, cultura e a sociedade.

Nessa toada, Bahia e Figueiredo (2008) apregoam que a relação lazer e meio ambiente é uma experiência psicológica, cuja qualidade está interligada às expectativas dos usuários em relação a essas áreas. Além disso, essa afinidade deve ser pautada sob uma perspectiva de que o lazer atue como meio educativo capaz de proporcionar vivências modificadoras de valores, contemplação, atitudes e exercício da liberdade.

Compreendemos que o lazer no meio natural instiga efeitos sensoriais, que, por sua vez, auxiliam a dar maior significado às experiências vividas. O lazer na natureza é potente, pois é vivido de forma simples e lúdica. A prática do lazer em ambientes naturais pode estimular um questionamento ao consumismo, pois viabiliza relações socioambientais mais qualificadas. Portanto, essa relação pode funcionar como mote para “repensar” a vida na urbe, sinalizando elementos para o direito à cidade e à natureza, ao possibilitar mudanças de atitudes cotidianas, minimizando a ruptura homem-natureza.

Como dito anteriormente, práticas com elevados níveis de sociabilidade, como passeios em praças, shoppings, museus... (44,5%), cinema (39%) e festas (37,1%), também foram largamente mencionadas como atividades de lazer mais vivenciadas antes do período de distanciamento social.

Como afirmam Melo e Alves Júnior (2003), as atividades de lazer tendem a ter marcantes características de sociabilidade, anunciada em encontros, festas, bares, passeios, cinemas. Embora o lazer possa ser vivido individualmente, reconhecemos seu

papel como local de sociabilidade, convívio social, organização popular, difusão e produção cultural. Assim, o lazer vivido coletivamente pode estreitar laços, trocas de experiências e gerar aprendizagens.

Na trilha deste raciocínio, Costa (2009) compreende que o lazer é algo do cotidiano, da vida de todas as pessoas que habitam cidades ou campos, de povos que vivem realidades urbanas ou pequenos núcleos populacionais. Nessa toada, entende lazer como uma fonte difusora da capacidade criativa humana, de interação na vida social, de prática de variadas linguagens culturais, fazendo parte de distintas realidades. Para o autor, as atividades de lazer se apresentam como práticas sociais, que podem ocorrer nos cinemas, teatros, festas, experiências cotidianas nas ruas, brincadeiras, conversas entre amigos.

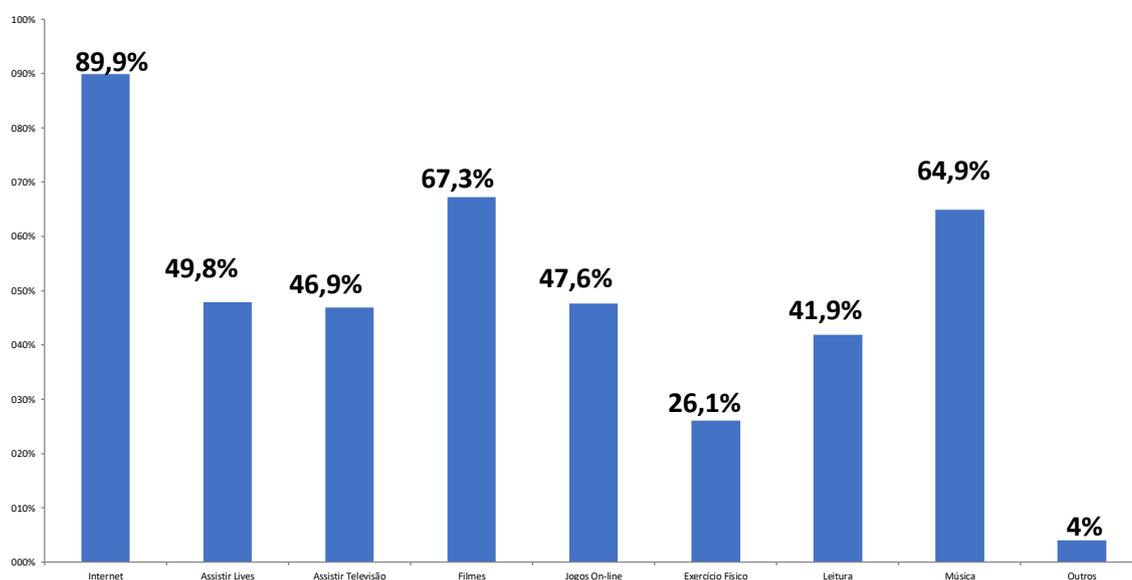
Reconhecer a sociabilidade do lazer implica pensar a cidade e seus espaços como capazes de oferecer condições para fruição dos sujeitos. Além da falta de espaços e da dificuldade de acesso, sobretudo em cidades grandes, as barreiras de classe social, gênero, raça, deficiência e de idade precisam ser combatidas por meio de políticas que possam garantir uma expressão diversificada do lazer (MACIEL e SOARES, 2016).

A melhoria da cidade, dentre outras coisas, perpassa pela estruturação de espaços públicos para o lazer, em que as pessoas possam vivenciar diferentes linguagens culturais, ampliar seus referenciais e sua formação cultural (MONTENEGRO, 2019). Assim, os espaços para o lazer podem ter caráter de uma formação identitária, proporcionando múltiplas vivências interpessoais. A cidade deve ofertar espaços de lazer atrativos e bem estruturados aos frequentadores, podendo, com isso, fortalecer laços afetivos e sociais.

Os percentuais de respostas da terceira questão, “Durante o distanciamento social, qual (is) sua(s) principal (is) atividade(s) de lazer?”, encontram-se no gráfico 3. Diferentemente do que fora percebido na questão anterior, em que verificamos a

tendência para práticas de lazer na natureza, bem como vivências que refletem aspectos da sociabilidade no lazer, percebemos, como era de se esperar, que o distanciamento social resultou em uma “residencialização” e em uma “virtualização” do lazer vivido pelo grupo. A opção “internet” obteve maior destaque, alcançando o total de 89,9% das respostas. Isso evidencia o papel da virtualidade como mediadora das atividades de lazer dos estudantes.

Gráfico 3: Durante o distanciamento social, qual (is) sua(s) principal (is) atividade(s) de lazer?



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Para Schwartz e Moreira (2007), a *internet* é um serviço que permite ter acesso às informações relacionadas ente si, com o propósito de servir progressivamente usuários no mundo inteiro. Desta maneira, optamos por diversificar as atividades decorrentes do uso da *internet*, para assim, termos melhor compreensão dos lazeres vivenciados pelos sujeitos durante o distanciamento social. Diante disso, opções como “assistir *lives*”, “jogos *on-line*” e “filmes” foram amplamente mencionadas, obtendo, respectivamente, os seguintes percentuais de escolha: 89,8%, 47,9% e 67,3%. No

campo específico do lazer, as vivências que utilizam o ambiente virtual para a sua execução crescem cada vez mais, surgindo novas alternativas, as quais são permeadas por significados e interesses segundo a heterogeneidade dos usuários (SCHWARTZ e MOREIRA, 2007).

Portanto, o contexto vivido pelo distanciamento social resultou em ampliação da virtualidade como mediadora das vivências de lazer, a qual, por um lado, pode gerar experiências estéticas, críticas e criativas nesse contexto, mas também reforçar a desigualdade de acesso, dadas as condições díspares de disponibilidade de meios virtuais para a prática do lazer.

Esses dados evidenciam o papel da virtualidade como um aspecto estruturante da mediação do lazer na contemporaneidade. A utilização de ambientes virtuais vai além das possibilidades de fruição, impactando a vida humana por meio de um amplo processo de globalização. Para Bauman (1999), a globalização em larga escala afetou a cultura, na medida em que estamos diante de uma rápida e veloz circulação de pessoas e linguagens, o que é facilmente favorecido pela *internet*.

A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica de “sociedade” como um sistema bem delimitado (BAUMAN, 1999), passando para um modelo de sociedade “líquida”, em que a cultura e o consumo são mais acelerados, efêmeros e transitórios.

A globalização pode ser definida como a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes, de tal maneira que os acontecimentos locais são influenciados por eventos que acontecem em espaços geográficos muito distantes e vice-

versa, o que significa dizer que o global também pode ser influenciado por eventos produzidos localmente (BAUMAN, 1999; HALL, 2014). Em outras palavras, a globalização resulta em um conjunto de fluxos, deslocamentos, compressão do espaço-tempo, “circulação” de pessoas, informações, tecnologias, imagens, culturas, que ultrapassam e, muitas vezes, “apagam” fronteiras.

As novas tecnologias impulsionam diferentes relações entre a cultura e o território, o que reforça a complexidade do nosso tempo, pois estamos situados em uma sociedade globalizada, com características transnacionais, o que resulta em circulações culturais, sem uma fronteira nítida para caracterizar o que é próprio, ou não, de um determinado contexto (GOMES e PINTO, 2009). A virtualidade impacta o lazer na medida em que podemos ter diversas referências como práticas de diversão, mesmo sem o contato físico com elas. A virtualidade ampliou nosso acesso a práticas esportivas; estilos musicais; filmes; séries, revelando um novo padrão para vivência do lazer na contemporaneidade.

Para Rodrigues (2012), a utilização desenfreada de tecnologia, o apogeu das premissas neoliberais e do capitalismo financeiro começam a ter reflexos inequívocos nas preferências que os indivíduos expressam nas atividades de lazer. Para o autor, a contemporaneidade resultou em um predomínio do espaço domiciliário, a substituição do individualismo físico pelo individualismo virtual, o qual é dependente da intermediação dos artefatos tecnológicos.

A contemporaneidade tem se consolidado como palco de experiências pessoais cada vez mais imateriais e virtuais, em que os lazeres estão repletos de virtualização e imaterialidade nos conteúdos e nas atividades que lhes são intrínsecas ou decorrentes (RODRIGUES, 2012). Assim, a virtualização passou a fazer parte da essência da vida contemporânea, instalando uma tendência para um lazer “domicializado” e

individualizado. Em suma, novas construções, realidades e interações sociais com epicentro em casa.

Schwartz e Moreira (2007) indicam que a demanda pela inserção nos ambientes virtuais não é algo que se limite ao contexto profissional, vez que o uso das tecnologias extrapola para outros âmbitos, como o lazer. Diversos recursos tecnológicos são utilizados para o lazer, como computadores, celulares, jogos *on-line*, o que, segundo as autoras, desenha um novo mapa para análise das práticas de lazer contemporâneas.

Diante dessa discussão, percebe-se que as alterações no patamar tecnológico influenciaram mudanças nas formas organizacionais de como mediamos a vida, seja no trabalho, na educação, na cultura, na política e no lazer. A virtualização interferiu sensivelmente na experiência vivenciada, na forma de criar e reproduzir as práticas de lazer, desenhando novos ambientes, espaços, locais e contexto para a sua fruição (SCHWARTZ e MOREIRA, 2007; RODRIGUES, 2012).

Observamos que a tecnologia é parte integrante do cotidiano dos sujeitos pesquisados, sendo um fator estruturante dos lazeres vividos por eles. A contemporaneidade se apresenta como um cenário sociocultural que tende a fortalecer e a consolidar a virtualização das relações sociais e, nesse sentido, o lazer acompanha essa dinâmica. Compreendemos que os sujeitos investigados já se apropriavam dos ambientes virtuais e das tecnologias para seu lazer, mas a pandemia de COVID-19 resultou na intensificação do uso das tecnologias para seus divertimentos.

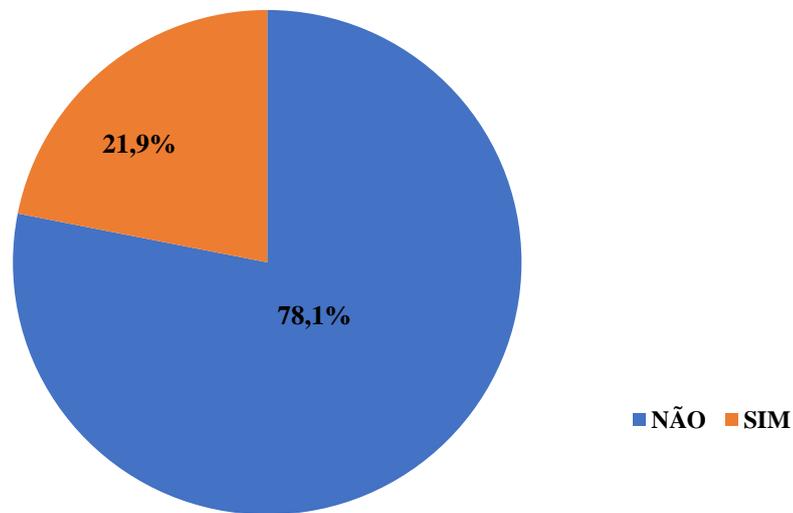
Por outro lado, é preciso ressaltar que a globalização e a virtualidade do mundo contemporâneo acentuam desigualdades, pois as condições dos sujeitos de utilizar esses recursos são diferentes em detrimento das condições estruturantes de classe social, gênero e raça. Portanto, sob nosso ponto de vista, as análises sobre o acesso à

virtualização do lazer não devem ser feitas de maneira homogênea e, sim, considerar os fatores limitantes agregados ao campo.

Observa-se no gráfico 3 que o distanciamento social implicou um aumento da “residencialização” do lazer, pois atividades como “assistir televisão” (46,9%) e leitura (41,9%) foram assinaladas de maneira significativa pelos partícipes, o que ressalta o papel do ambiente doméstico para a prática do lazer.

Como desdobramento da questão anterior, a 4ª pergunta traz a seguinte indagação: “Durante o distanciamento social, você desenvolveu alguma nova atividade? Em caso positivo, qual?” Nesse item, nossa intenção foi reconhecer as diferentes investidas em novas práticas/conhecimento por nosso público-alvo. Para a opção “NÃO”, obtivemos o quantitativo de 78,1%. Ou seja, o período de distanciamento social não foi utilizado para execução de novas atividades.

Gráfico 4: Durante o distanciamento social, você desenvolveu alguma nova atividade?



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

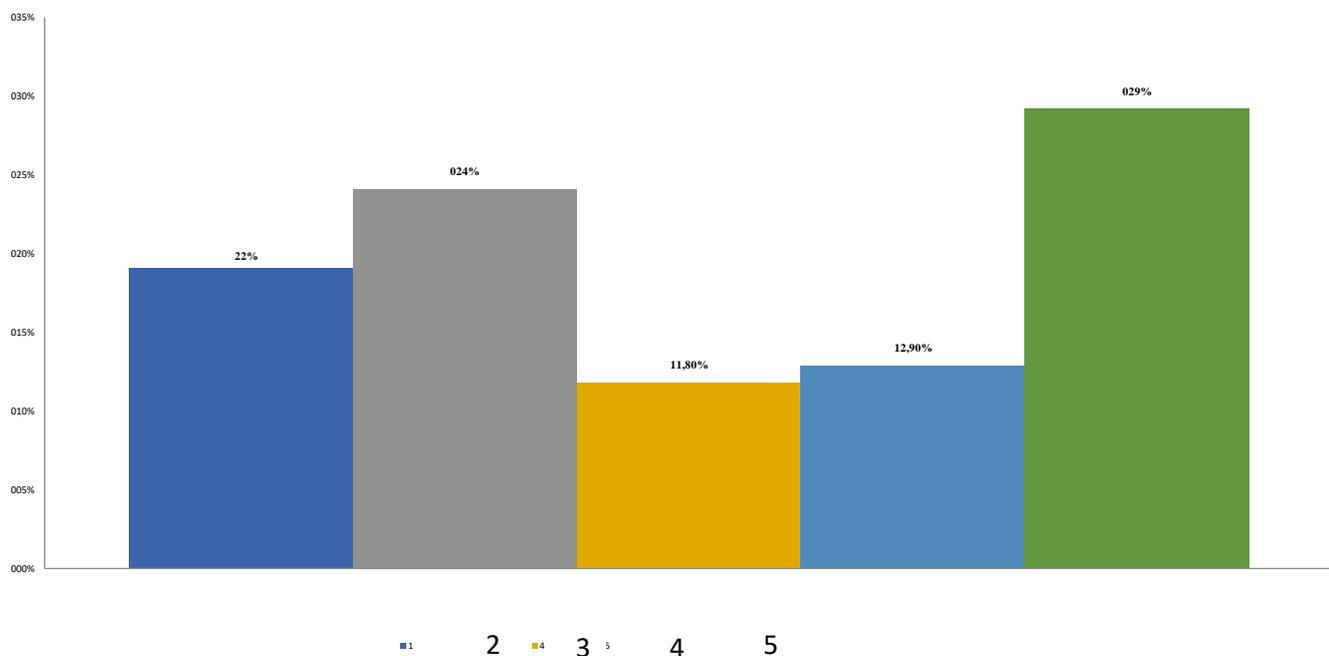
Por outro lado, 21,9% dos universitários afirmaram utilizar o distanciamento social como marco temporal para o desenvolvimento de novas atividades. Nesse quesito, foram mencionadas atividades como: cozinhar (3,07%), participar de aulas de idiomas (1,75%), estudos (0,43%), leitura (0,65%), cursos de marcenaria (2,63%), exercício físico (3,07%), jogos na internet (0,21%), musicalização (0,65%), construção de hortas/jardinagens (0,87%) e educação econômica (0,65%). Destarte, inferimos que tais experiências poderiam orbitar os pensamentos desses graduandos e a reclusão surge como oportunidade para exercício de novas aprendizagens.

Na questão final, procuramos identificar de que maneira o distanciamento social modificou a rotina de lazer dos participantes do estudo. A pergunta formulada foi: “Em que medida o distanciamento social modificou suas atividades de lazer?” Como opções de resposta, apresentamos seis alternativas para assinalamento, em que 1 é relativo à opção “NADA” e “BASTANTE” refere-se ao número 5.

No gráfico 5 é possível identificar que 29,20% dos estudantes admitiu que o distanciamento social afetasse “BASTANTE” (opção 5) suas práticas de lazer.

Ponderamos que essa situação se deve ao fato de os sujeitos da pesquisa serem jovens e adultos, público reconhecido por desenvolver práticas de caráter fortemente sociais, como festas, confraternizações, eventos.

Gráfico 5: Em que medida o distanciamento social modificou suas atividades de lazer?



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Na direção desse raciocínio, podemos citar o estudo de Queiroz e Sousa (2009), que propunham descrever as atividades de lazer de universitários na cidade de Porto Alegre (RS). Os autores observaram a multiplicidade de atividades consideradas como lazer, a exemplo de ler, ouvir música, praticar atividades físicas e esportivas, dormir, dirigir, sair com amigos, namorar, ir a *shows*. Esses resultados corroboram com nossa pesquisa, pois também foi indicado que o público-alvo desfruta de lazers com elevados níveis de sociabilidade.

Por outro lado, 24,01% dos participantes assinalou a opção 2. Consideramos que esse grupo, antes da pandemia, já conciliava as atividades de lazer tanto no espaço doméstico quanto em locais públicos e privados da cidade. Assim, com o fechamento de

inúmeros locais, esses sujeitos não perceberam significativa mudança em sua rotina de lazer.

Neste caminho, 22% dos estudantes afirmaram que o distanciamento social em “NADA” (opção 1) transformou suas práticas de lazer. Isso mostra que as atividades de lazer eram ligadas, de maneira acentuada, ao espaço residencial e que o isolamento social não alterou os lazes desse grupo. Os dados indicam que, embora a pandemia de COVID-19 tenha implicado um aumento da “residencialização” e da “virtualização” do lazer, para muitos dos participantes, o espaço domiciliar, bem como a virtualidade do lazer, já se tratava de uma realidade vivida.

Queiroz e Sousa (2009) corroboram com nossa pesquisa, ao afirmar que práticas como “dormir”, “meditar”, “ficar em casa”, “fazer nada”, “descansar”, “ter um momento só meu” e ações ligadas a virtualidade do lazer, a exemplo de “navegar na *internet*”, utilizar computadores para o lazer, jogos *on-line*, videogames foram mencionadas por seus informantes.

Autores como Silveira e Fortes (2019) preconizam que o lazer, a ludicidade e a sociabilidade estão no centro das práticas digitais do mundo contemporâneo. Assim, jogos eletrônicos; perfis em redes sociais; mensagens instantâneas; fotos; vídeos; filmes; músicas; notícias; *internet*; computadores são elementos indispensáveis para o lazer de crianças, jovens e adultos. Diante disso, Jubé; Almeida e Feres Neto (2014) garantem que vivemos a criação de *ciberepaços*, os quais desenharam novos territórios para o lazer, auxiliando-nos na compreensão dos processos singulares de interação social que vivemos.

Lévy (1999, p.92) define *ciberespaços* como

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui um conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, ‘fluído’, calculável com a precisão e tratável em tempo real,

hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço.

Schwartz e Moreira (2007) entendem que o *ciberespaço* tem se tornado um aspecto relevante para constituir novos territórios e expressões de lazer. As autoras reconhecem que são locais comunicativos, possibilidades democráticas e acessíveis, mas que, igualmente, podem implicar exclusão, já que inúmeros cidadãos podem ser privados dessa experiência, em virtude de fatores econômicos e das diferenças culturais.

Portanto, este estudo mostrou que o distanciamento social, imposto pela pandemia de COVID-19, trouxe impactos ao lazer do grupo pesquisado. Esse cenário social implicou o aumento da “residencialização” e da “virtualização” do lazer. O espaço doméstico configurou-se como principal lugar para o lazer, materializado em atividades como: acessar *internet*, redes sociais, jogos *on-line*, *lives*, filmes. Todavia, ressaltamos que o entrelaçamento das práticas digitais relacionadas ao lazer não foi inaugurado na pandemia, mas é característico do Século XXI, a qual vem configurando novos mapas/locais para as experiências de lazer.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi identificar impactos nas formas de lazer vividas por universitários na cidade de Macapá (AP), no decorrer do período de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. A coleta de dados aconteceu por meio de questionário virtual, com a participação de 456 discentes, jovens e adultos, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

A despeito de a utilização dessa ferramenta digital ter possibilitado o referido quantitativo de questionários analisados, reconhecemos que essa metodologia não é inclusiva, pois estudantes que não dispõem de acesso à internet não puderam participar do estudo. Portanto, a virtualidade do lazer deve ser analisada como um fenômeno

contraditório, no qual estão presentes relações de poder e desigualdades na condição de acesso.

Assim, é possível verificar que o processo de globalização tem impactado as relações sociais sob os mais diferentes prismas, seja na educação, no trabalho, na cultura, na política e no lazer. A globalização possibilita rápida circulação de pessoas, conhecimentos e linguagens, modificando a relação do sujeito com o território. Vivemos em uma sociedade transnacional, onde, muitas vezes, não é claro definir o que pertence, ou não, a um determinado local/contexto. Assim, o mundo contemporâneo tem implicado processos de “virtualidade” do lazer, fazendo surgir novos ambientes para práticas de fruição.

É possível afirmar que o distanciamento social trouxe impactos para o lazer dos sujeitos. A pandemia de COVID-19 resultou em aumento da “residencialização” e da “virtualização” do lazer dos estudantes. Se, antes da crise sanitária, as vivências mais mencionadas foram lazer na natureza, bem como atividade de fortes níveis de sociabilidade (bares, passeios, cinemas, festas, praias, esporte ao ar livre), o distanciamento social resultou em aumento de lazes vividos no ambiente doméstico, assim como práticas ligadas ao uso da *internet*, como jogos *on-line*; assistir a *lives*; assistir a filmes; acesso a redes sociais; uso de celulares e computadores.

É importante salientar que cada sujeito acusou a interferência, ou não, do distanciamento social na sua rotina de lazer. Assim, mesmo que a pandemia de COVID-19 tenha suscitado na ampliação da “residencialização” e da “virtualização” do lazer, para alguns universitários, o espaço domiciliar já se configurava como um local de destaque para vivência do lazer.

Percebemos que o distanciamento social foi tido como oportunidade para o desenvolvimento de novas aprendizagens, como: cozinhar; participar de aulas de

idiomas; estudos; leitura; cursos de marcenaria; exercícios físicos; jogos na internet; musicalização; construção de hortas/jardinagens; compras na internet e educação econômica.

Para concluir, apresentamos algumas questões que servem de orientação para novos estudos: ao término da pandemia, como se organizarão as práticas de lazer? Quais locais serão mais frequentados pelos estudantes? Haverá limitações de acesso a espaços de lazer nas cidades? As desigualdades de acesso ao lazer, após a pandemia de COVID-19, estarão acentuadas no que tange às questões de gênero e raça? Qual a função da universidade enquanto promotora de políticas de lazer pós-pandemia?

REFERÊNCIAS

BAHIA, Mirleide Chaar. **O lazer e as relações socioambientais em Belém, Pará**. Belém: NAEA, 2014.

_____; FIGUEIREDO, Silvio de Lima. Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém. **Licere**. Belo Horizonte, v.11, n.2, p. 1-17, ago./2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

COSTA, Antônio Maurício. **Lazer e sociabilidade: usos e sentidos**. Belém: Açaí, 2009.

DIAS, Mairna Costa. **A Matinta tem a cor da chuva: ludicidade como estratégia de ensino-aprendizagem para Educação Ambiental**. 2015. 94f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

FRANCO, Maria Laura. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v1, n.1, p. 3-20, jan/abr. 2014.

_____; FALCÃO, Denise. Apresentação. In: GOMES, Christianne Luce; FALCÃO, Denise (Orgs). **Lazer e territorialidades: tessituras sociais, culturais e políticas**. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019. p. 11-15.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne *et al.* (Orgs). **Lazer na América Latina/ Tiempo libre, Ócio e Recreación en latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p. 67-122.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-146, 2014.

IMAP - INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DE ORDENAMENTO TERRITORIAL DO AMAPÁ, **Manual de monitoramento ambiental** - 2020. disponível em: <https://www.imap.ap.gov.br/conteudo/gestao-ambiental/monitoramento-ambiental>. Acesso em: 18 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Censo Demográfico** – 2019: Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/demografia/censo2019/default.shtm>. Acesso em: 18 jul. 2020.

JUBÉ, Carolina Nascimento; ALMEIDA, Dulce Filgueira de; FERES NETO, Alfredo. Os "avatars" do corpo rascunho: experiência de jovens universitários nas redes sociais. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.1, mar/2014. Doi: doi.org/10.35699/1981-3171.2014.621

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACIEL, Marcos Gonçalves; SOARES, Leonardo Antônio. Análise discursiva do programa academia da cidade de Belo Horizonte/MG. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar/2016. Doi: doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1200

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Cultura: Algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org) **Lazer e cultura**. Campinas: Editora Alínea, 2007, p. 9-30.

_____. Lazer e Sociedade: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e Sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008. p. 11-26.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. A cidade e o lazer: as desigualdades sócio-espaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas. **Movimento**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 127-151, set/dez 2005.

_____; ALVES JÚNIR, Edmundo de Drumond. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

MONTENEGRO, Gustavo Maneschy. **Lazer e formação cultural**: uma análise das trajetórias de professores universitários nos estados do Pará e Amapá. 2019. 180 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

OLIVEIRA, Erivan de Souza; MORAIS, Arlandia Cristina Lima Nobre de. COVID-19: uma pandemia que alerta à população. **Inter. Am. J. Med. Health**. v.3, n.3, p. 1-4, 2020.

QUEIROZ, Marine Nogueira Gonçalves de; SOUZA, Luciana Karine de. Atividades de lazer em jovens e adultos: um estudo descritivo. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.3, set./2009

RODRIGUES, Ricardo Fabrício. Sobre a virtualização do lazer. In: Congresso Português de Sociologia. 7, 2012. Porto. **Anais ...** Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras – Faculdade de Psicologia da Educação, 2012. p. 1-21. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 17, 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. p.1-12. Disponível em: [file:///C:/Users/Gustavo%20Montenegro/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/2967-12805-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Gustavo%20Montenegro/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/2967-12805-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 21 jan. 2015.

SANTOS, Milton. O lugar do cotidiano. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 584-602.

SCHWARTZ, Gisele Maria; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. O ambiente virtual e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org) **Lazer e cultura**. Campinas: Editora Alínea, 2007, p. 149-170.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco da; FORTES, Rafael. Letramento digital: entre a apropriação e a proibição das práticas digitais de lazer na formação de adolescentes. In: GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira (Orgs). **Lazer, práticas sociais e mediação cultural**. Campinas: Autores Associados, 2019. p. 55-74.

ZINGONI, Patrícia. O lugar das famílias nas políticas de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Editora Alínea, 2008. p 83-104.

Endereço dos Autores:

Gustavo Maneschy Montenegro
Universidade Federal do Amapá
Curso de Educação Física
Rod. Juscelino Kubitschek 2000, km. 2 – Jardim Marco Zero
Macapá – AP – 68.903 - 419
Endereço Eletrônico: Gustavo_maneschy@hotmail.com

Bruno da Silva Queiroz
Universidade Federal do Amapá
Curso de Educação Física
Rod. Juscelino Kubitschek 2000, km. 2 – Jardim Marco Zero
Macapá – AP – 68.903-419
Endereço Eletrônico: queirozbrunos16@gmail.com

Mairna Costa Dias
Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n, bloco IV, sala 4 térreo – Telégrafo
Belém – PA – 66050-540
Endereço Eletrônico: mairnacd@hotmail.com